

Da natureza ao diagnóstico do ‘mal-estar na civilização’ em Rousseau *Luciano da Silva Façanha**

Resumo: É notória a tese hostil que Jean-Jacques Rousseau levanta ao culto do progresso, inclusive, temática que perpassa por suas obras de forma contínua. Tornando-se, logo de entrada, uma figura destoante no chamado mundo da República das Letras, pois, ao ideário defendido pela maioria dos filósofos do século XVIII à exaltação do progresso das ciências e às artes e a crença de que a difusão do saber viria pôr fim às superstições, aos preconceitos, à ignorância, à infelicidade dos povos e tornaria os homens melhores, o filósofo responderia com um pessimismo, com uma desconfiança que desconcertaria não só seus contemporâneos, como também, o espírito otimista da época. São características como essas que permitem a Rousseau elaborar a crítica ao seu tempo, diagnosticando o mal-estar na civilização.

Palavras-Chave: Mal estar; Civilização; Barbárie; Natureza; Ilustração.

Theory of Justice, Ethics and Moral Deontological: the basics of Kant contractualism

Abstract: It is well-known the hostile which Jean-Jacques Rousseau arouses against the cult of the progress, a thematic which imbues through his works, in a works, in emphasized way. It became, at the very beginning, an out-of-tune figure in so called Letters Republic's World. Against the ideas defended by the most of the XVII century's philosophers as to the exaltation of the progress of Sciences and Arts and Arts and the belief the diffusion of Knowledge Would come to end the superstions, the bias, the ignorance, the people's unhappiness and that men would become better. He would respond with a pessimistic mood, with a distrust which would confuse not only his age-fellows as well as the epoch's optimistical spirit they are characteristics which permit to Rousseau elaborate a criticism to his epoch, so he gets a diagnosis of the up-set in the civilization.

Keywords: Up-set; Civilization; Barbarian; Nature; Illustration.

Em 9 de julho de 1750, a Academia de Dijon anunciava que estava outorgando o primeiro prêmio de cem *écus* e uma medalha de ouro, especialmente cunhada para o autor do ensaio que trazia a citação de Horácio da obra *Arte Poética: Decipimur specie recti*. Essa epígrafe pode ser traduzida como: “Somos enganados pelas aparências”, ou “Nós somos enganados pelas aparências do que é bom”, ou ainda, ao pé da letra, “lobos em pele de cordeiro”.¹ Lembrando que a epígrafe de Horácio aparece para concorrer ao prêmio, ou seja, antes do *Discurso* ser publicado. Contudo, Rousseau escolhe mais um verso, por sinal muito simbólico, tirado das odes *Tristes* de Ovídio, para aparecer no momento da publicação: *Barbarus hic ego sum, quia non intelligor illis* (O bárbaro aqui sou eu mesmo, que não sou compreendido por estes daqui). Ressalta-se que das diferentes noções de bárbaro utilizadas nas suas obras, o termo bárbaro sob a pluma de Rousseau diagnosticador do mal-estar na civilização que nos interessa aqui é a partir da noção de linguagem e da opinião pública, pelo fato de se sentir incompreendido.

Por toda parte, em Paris, as pessoas estavam lendo, discutindo, criticando, aprovando, mas também desaprovando o seu *Discurso sobre as Ciências e as Artes*. Desde então, é demarcado um conflito intelectual inaugurado no seu *Primeiro Discurso*, no qual coloca em dúvida a certeza dos benefícios morais deste “progresso”. Assim, é com sua resposta negativa à Academia de Dijon (1749) que a vida literária de Rousseau começa oficialmente, a partir

da proposta publicada no famoso jornal. Com a premiação desse discurso, suas teses, que são bastante paradoxais, provocam uma intensa polêmica. É notória a tese hostil que levanta ao culto do progresso, inclusive, temática que perpassa por suas obras de forma contínua. E tornando-se, logo de entrada, uma “figura destoante” no chamado mundo da República das Letras, pois, “ao ideário defendido pela maioria dos filósofos do século XVIII à exaltação do progresso das ciências e às artes” e a crença de que a difusão do saber viria pôr fim às superstições, aos preconceitos, à ignorância, à infelicidade dos povos e tornaria os homens melhores, “Rousseau responderia com um certo pessimismo, com uma desconfiança que desconcertaria não só seus contemporâneos como também o espírito otimista do século”².

Rousseau acaba sendo considerado “um verdadeiro desmancha-prazeres da festa dos iluministas”³, pois o mesmo denunciava em todas as suas obras as falhas e os desvios que descaracterizavam o Iluminismo. E não era para menos, afinal, Rousseau também estava no plano da *Encyclopédie*⁴, que foi um grande “manifesto da filosofia do Iluminismo francês”, era o próprio elogio à ciência que levaria à construção de uma sociedade segundo as exigências da razão. Entretanto, Rousseau adverte-nos de que tal sociedade se baseia na desigualdade, que a cultura se encontra a serviço de uma aristocracia corrupta e de que o luxo só existe porque o povo está na miséria. Nesse sentido, percebe-se que há um viés construtivo

na sua filosofia, que é a criação da liberdade e da igualdade com a inserção moral. É isso que permite a Rousseau elaborar a crítica ao seu tempo. Passando, desse modo, a uma atitude de rebelião política no *Segundo Discurso (Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens – 1755)*, que estabeleceu o começo simultâneo da desigualdade e da sociedade. A sociedade é uma sociedade entre ricos e pobres, de déspotas e de servos, do fraco contra o forte, dos escravos contra seus senhores; é uma sociedade sem igualdade, sem liberdade, onde é forjada com o ato de usurpação individual da terra comum; fundando ao mesmo tempo a propriedade privada e a sociedade civil, aplacada pela instituição do despotismo, como o primeiro contrato moralmente falho.

Porém, mesmo contrastando com os filósofos de sua época, não se pode negar que se considerava um apaixonado pelo movimento. Dessa forma, já se percebe de imediato uma grande contradição: Rousseau era “iluminista, iluminado ou iluminador”⁵? Segundo os especialistas, dificilmente vai se conseguir dizer isso com exatidão, em se tratando da figura camaleônica de Jean-Jacques Rousseau, que escapa de uma classificação de forma concreta. Desde sua vasta obra, com mil meandros, até os seus posicionamentos íntimos e públicos.

Portanto, Rousseau não era contra o Iluminismo em sua verdadeira essência, mas sim contra seus contemporâneos, os *philosophes*, por terem, lamentavelmente, desviado o espírito do movimento do seu real sentido. Observa-se que o autor não se coloca contra

a razão ou contra a cultura, em si mesma. Sua crítica é direcionada ao desligamento que há tanto na razão como em alguns produtos culturais, no que diz respeito à interiorização do homem, pois essa interiorização seria o caminho – o guia mais viável –, para que houvesse uma mudança radical do quadro social e cultural, com tantas injustiças sociais e políticas. O pensador não era contra a razão; apenas não concebe um racionalismo desprovido dos sentimentos. Rousseau permaneceu decididamente racionalista⁶ e unicamente condena o mau uso da razão, pois o bom uso e o desenvolvimento da razão humana não tolerariam dissociar-se do ditame da consciência, que não se manifesta pela mera enunciação de regras morais ou preceitos, mas, também, constitui uma contemplação. Nesse sentido, é evidente que Jean-Jacques estava muito mais próximo de Kant, pois, ao dizer que a contemplação proporciona que o homem participe de ‘um outro mundo’, o genebrino já está se referindo à ‘imaginação’ como a forma pela qual o homem contempla esse novo universo. Assim, o ditame da consciência é que deve servir para dominar essa imaginação. Sob o domínio do ditame seria possível estabelecer princípios cujas consequências racionais permitirão situar-nos no mundo, afinal, para Rousseau, ‘o homem tem sua situação assinalada na melhor ordem das coisas, trata-se apenas de encontrar esse lugar e de não deturpar essa ordem’. Exatamente por essa via, Derathé considera que “Rousseau jamais acreditou que alguém não pudesse fazer uso de sua própria razão”. Ao contrário, “ele queria nos ensinar a usá-la bem”, pois “Rousseau é um racionalista

consciente dos limites da razão”⁷.

Assim, diante de conflitos suscitados, como o de ser um iluminista e ter passado boa parte de sua vida tecendo críticas à confraria dos iluministas, Rousseau muitas vezes foi considerado “homem estranho”. Talvez, esse duplo efeito de suas ações, o fato de participar de um movimento como [a Ilustração] o Iluminismo – que mesmo sendo uma corrente milenar da história da filosofia, pois vem desde a antiguidade, a Ilustração⁸ é esse momento preciso europeu do século XVIII em que há um otimismo exacerbado dos poderes da razão e do progresso –, mas também o fato de ser contrário a alguns posicionamentos dos seus contemporâneos, e isso pode ser constatado no *caráter insurgente de seus escritos*, que acabaram, em muitos momentos, resultando da “ambiguidade” de seu pensamento, pois Rousseau foi um filósofo que praticou uma variedade de gêneros possíveis; segundo o próprio, todos objetivando atingir os mesmos princípios, apenas mudando o tom e variando na escrita, passando por obras de política, romance de formação, peças de música e peças de teatro, contos, romance de amor, além de seus intensos monólogos e uma vasta prática epistolar que, juntamente com os textos de apologética, compõe o gênero da memória. Mas Rousseau foi antes de tudo um precursor do Estado democrático moderno e, principalmente, um crítico veemente da sociedade tal qual é organizada. Tecendo uma crítica da razão clássica, ele acaba criticando o seu tempo à luz de princípios universais, como a

igualdade natural e a liberdade do homem, que são princípios muito positivos e afirmativos.

Assim, é oportuno enfatizar que Rousseau ocupa um lugar excêntrico em seu século, algo que na atualidade não é percebido de forma imediata, nem a partir de uma leitura primeira sobre o filósofo e também de suas obras; principalmente, quando é apresentado pela maioria dos livros de história da filosofia, enquanto mais um dos ilustres filósofos do Século do Iluminismo conjuntamente com Diderot, d'Alembert, Grimm, d'Holbach, Helvetius, Voltaire, Condorcet, Condillac, entre outros; dando a impressão de que o genebrino compartilhava de forma idêntica do ideário desses pensadores.

A Europa no século XVIII chegava ao auge da cultura dominada pela vida intelectual, mediante a supervalorização do conhecimento racional como instrumento capaz de resgatar a ordem natural observável no cosmo. Isto pode ser uma das explicações do fato da Academia de Dijon ter proposto essa questão no concurso que o autor ganhou.

Portanto, a temática não é original, diz respeito a esse contexto do XVIII, ao problema da relação entre o progresso da razão e o aperfeiçoamento moral dos homens. Havia uma constatação do "alcance" das sociedades e, há algum tempo, a filosofia se perguntava por essas condições e causas. Todavia, Rousseau entendia que

em seu século a filosofia não estava cumprindo seu papel crítico e reflexivo, e sim a serviço do poder, do *status quo*. O autor atesta que um dos grandes problemas da filosofia foi tentar desvendá-la, sistematizá-la de forma minuciosa, ou seja, deixaram de vivenciá-la.

No prefácio de *Narciso ou o Amante de Si Mesmo*, que serve de fundamentação teórica ao *Primeiro Discurso*, Rousseau nos diz: “os primeiros filósofos granjearam grande reputação ensinando aos homens a pátria de seus deveres e os princípios da virtude”⁹. E atesta que, pelo fato de seus preceitos terem se tornado comuns, em seguida, tornou-se necessário a distinção, cada um seguindo caminhos opostos. Nesse sentido, explica que os fundadores dos sistemas filosóficos paradoxais foram os responsáveis, em parte, pela decadência dos costumes morais. Contudo, além da crítica que fazia aos filósofos que se preocupavam muito mais com seus sistemas, é evidente, também, que Rousseau direcionava sua crítica aos seus contemporâneos, conforme indica no *Prefácio de Narciso*, “será, pois, a estes que, mais uma vez, tenho de responder”¹⁰. Mas Rousseau tinha consciência de que suas teses levantadas, mesmo refletidas, também eram levadas em troça, como sendo contrárias ao que ele pensava, “que provou coisas tão extravagantes que só à guisa de diversão se podem sustentar”. Entretanto, o autor indaga:

Que é filosofia? Qual o conteúdo das obras dos filósofos mais conhecidos? Quais são as lições desses amigos da sabedoria? Ouvindo-os, não os tomaríamos por uma turba de charlatões

gritando, cada um para seu lado, numa praça pública: 'Vinde a mim, só eu não engano!'¹²

Como pode-se perceber, a condenação de Rousseau à filosofia vai mais longe, pois qualquer conhecimento pela razão pura parece-lhe suspeito. Para o genebrino, a razão nada oferece que permita atingir ao verdadeiro; além do mais, *'os sistemas não passam de inúteis discursos com os quais a filosofia diverte as pessoas que não percebem nada'*. Dessa forma, a filosofia seria um puro jogo de palavras; e sua crítica não resultaria, portanto, num exame de doutrinas, mas de uma revolta do coração, como ressalta na Nova Heloísa:

As ideias gerais e abstratas são a fonte dos maiores erros dos homens; jamais o jargão da metafísica levou a descobrir uma única verdade, mas encheu a filosofia de absurdos dos quais, assim que os despojamos das palavras pomposas, sentimos vergonha. (...) Há mais ainda. Essas crianças, as quais chamam filósofos, são perigosas. Seus brinquedos levam ao orgulho. Oh filosofia, quanto trabalho tens para amesquinhar os corações e tornar os homens pequenos.¹³

Portanto, observa-se que Rousseau, ao proclamar sua repugnância pela filosofia sistemática, quer somente significar seu desprezo por qualquer construção intelectual que se alimenta de argumentação e palavras. A filosofia digna desse nome é aquela que fala ao coração. É dessa maneira que Jean-Jacques entende que a filosofia possa deixar de ser inútil e cumprir o seu papel crítico-reflexivo; por

essa via que resolve responder a proposta da questão, datando daí o momento em que sua vida se transforma “em um verdadeiro pesadelo e infortúnio, da sua dedicação à espinhosa carreira das Letras que abraçara com tanto ardor e talento”¹⁴.

Todavia, a grande originalidade realmente é a resposta negativa de Rousseau, que surpreende a todos os seus contemporâneos, pois, na concepção do mesmo, as artes e as ciências só contribuíram para a deterioração da espécie humana. “Sua entrada para o mundo das Letras, com o *Discurso sobre as Ciências e as Artes*, para escândalo dos salões, se faz exatamente com a afirmação de uma posição totalmente contrária ao que se esperava de quem respondesse ao tema proposto”. Embora ainda falasse como o homem que, anos antes, procurou convencer os músicos a adotar uma nova forma de notação musical, e que compôs a comédia *Narciso ou o Amante de Si Mesmo* aos vinte e um anos de idade (1733), como aquele que queria escrever grandes peças teatrais.

Para Rousseau, o progresso das ciências e das artes nada acrescentou à nossa verdadeira felicidade e só corrompeu o gosto e os costumes. Citando-o:

As ciências, as letras, e as artes, menos despóticas e talvez mais poderosas, estendem guirlandas de flores sobre as cadeias de ferro de que estão eles carregados, afogam-lhes o sentimento dessa liberdade original para a qual pareciam ter nascido, fazem com que amem sua escravidão e formam assim o que se chama povos policiados.¹⁵

Mas essas cadeias dos povos civilizados tolhem a liberdade dos primeiros tempos, que difere no estado natural, onde a condição era instintiva. Tema abordado em praticamente toda a obra é observado que Rousseau não afirma existir um laço de causa e efeito entre os progressos da depravação e o das artes e das ciências, mas afirma a interdependência entre os dois fenômenos, dessa forma, podendo se medir a decadência dos costumes, pois o progresso é uma lei da história que não é passageira.

Como se observa, há uma identificação da reflexão sobre a desnaturação, pois os homens tornaram-se perversos, mas não eram dessa forma; seriam piores ainda se tivessem tido a infelicidade de nascerem sábios, nos diz o filósofo. Mesmo Rousseau não contando como isto aconteceu, faz um primeiro esboço do homem no estado de natureza, falando do que era original em contraponto ao *mal-estar na civilização* dos povos policiados (que são os povos submetidos a uma espécie de disciplina social). Porém, a questão só é desenvolvida no *Segundo Discurso*. Rousseau ressalta, no *Primeiro Discurso*, que “no fundo, a natureza humana não era melhor, mas os homens encontravam sua segurança na facilidade para se penetrarem reciprocamente, e essa vantagem, de cujo valor não temos mais noção, poupava-lhes muitos vícios”¹⁶.

Sendo assim, o autor enfatiza e diagnostica o progresso nas sociedades cultas e civilizadas, com a instauração do império das aparências. Sobre isso, Jean Starobinski, comentando Rousseau, observa que:

As ‘falsas luzes’ da civilização, longe de iluminar o mundo humano, velam a transparência natural, separam os homens uns dos outros, particularizam os interesses, destroem toda possibilidade de confiança recíproca e substituem a comunicação essencial das almas por um comércio factício e desprovido de sinceridade; assim se constitui uma sociedade em que cada um se isola em seu amor próprio e se protege atrás de uma aparência mentirosa.¹⁷

Destarte, a virtude se perde e o que fica é o furor de se exibir e distinguir; pois as Letras e as Artes provocam o Luxo, as Dissoluções dos costumes, a Corrupção do gosto e a Degeneração das paixões. Assim, as ciências nascem da Vaidade e da Ociosidade; Rousseau faz um alerta a respeito do jogo entre o Ser e o Parecer, pois as aparências enganam. E, ao reverenciar o momento histórico do restabelecimento das ciências e das artes, de forma irônica e retórica, na primeira parte do Discurso, nos diz:

É um espetáculo grandioso e belo ver o homem sair, por seu próprio esforço, a bem dizer do nada; dissipar, por meio das luzes e de sua razão, as trevas nas quais envolveu a natureza; elevar-se acima de si mesmo, lançar-se, pelo espírito, às regiões celestes; percorrer com passos de gigante, com o sol, a vasta extensão do universo; e, o que é ainda maior e mais difícil, penetrar em si mesmo para estudar o homem e conhecer sua natureza, seus deveres e seu fim. Todas essas maravilhas se renovaram há poucas gerações.¹⁸

Assim, por meio desses aparentes “elogios” à Renascença, referentes ao progresso da razão no campo das ciências e das artes,

o autor busca, na verdade, abrir caminhos para criticar todas essas maravilhas possibilitadas pelo restabelecimento. Pois assinala que mais difícil do que conhecer o universo é penetrar em si mesmo para estudar o homem e seu fim. No entanto, é em prol dessa filosofia que Rousseau se posicionará contra as ciências e as artes.

Dessa maneira, o autor nos explica que foi seguindo esse modelo, ou seja, “do próprio seio das ciências e das artes, fontes de milhares de devassidões”¹⁹; que o homem de sabedoria poderia encontrar a felicidade, ou seja, o próprio caminho de seu diagnóstico. Citando-o:

Eis aqui uma das maiores e mais belas questões jamais agitadas. Não se trata, de modo algum, neste discurso, dessas sutilezas metafísicas que dominaram todas as partes da literatura e das quais nem sempre são isentos os programas de academia, mas de uma daquelas verdades que importam à felicidade do gênero humano.²⁰

Contudo, Rousseau acentua que não há necessidade de se procurar remédios para males inexistentes, pois, de acordo com algumas soluções apresentadas, qual seja: o remédio a partir do próprio mal (enquanto antídoto), a sabedoria só seria negativa quando está a serviço do poder existente (da submissão). Ora, “a necessidade levantou os tronos; as ciências e as artes os fortaleceram”. É por isso que os príncipes sempre estimulam o gosto pelas artes. Súditos

educados, polidos, afáveis – qualidades que são adquiridas precisamente através da ciência e da cultura – são sempre mais fáceis de comandar com a delicadeza, a fineza e simpatia do que com súditos rudes.

Dessa forma, observa-se a perspicácia de Rousseau ao discernir o conformismo que toda a ‘civilização’ acarreta e o papel que ‘a polidez’ desempenha no processo de ‘politização’, pois se a cultura²¹ é prejudicial às qualidades (guerreiras) virtuosas será ainda mais às qualidades morais. Esse é o mal-estar na civilização que o bárbaro Rousseau sentiu, citando-o:

Não se ousa mais parecer tal como se é e, sob tal coerção perpétua, os homens que formaram o rebanho chamado sociedade, nas mesmas circunstâncias, farão todos, as mesmas coisas desde que motivos mais poderosos não os desviem.²²

Mas, o genebrino ainda questiona: “de onde nascem todos esses abusos senão da funesta desigualdade introduzida entre os homens pelo privilégio dos talentos e pelo aviltamento das virtudes? Aí está o efeito mais evidente de todos os nossos estudos, a mais perigosa de suas consequências”²³. Tema que será tratado somente no Segundo Discurso; mas, já advertido desde o seu infausto Discurso sobre as Ciências e as Artes, sem mais deixar de enfatizar, ou melhor, de descrever ou de escrever sobre o diagnóstico dos povos civilizados, do próprio surgimento desse Estado como proveniente da desigualdade econômica entre os homens; desse homem europeu

que mergulha no mundo, alternadamente, ora em sangue, ora na riqueza: na abundância desnecessária de um lado, e na miséria de outro. Não muito diferente da contemporaneidade.

São por esses caminhos, dessa forma, que a crítica à ideia de progresso e civilização de Rousseau vai se estabelecendo, muito contundente e muito radical, em vários momentos, pois, antes de tudo, é um diagnóstico profundo do seu tempo, da condição humana de degradação, de exploração; daí o caráter insurgente das obras de Rousseau no Iluminismo, consideradas por muitos como uma verdadeira poética tribunícia. Inclusive em alguns pontos antecedendo, de maneira muito forte, a crítica da cultura que os frankfurtianos irão fazer contemporaneamente.

Afinal, a ideia de progresso para Rousseau tem uma ‘feição crítica’. Maria das Graças de Souza observa que os frankfurtianos, dois séculos depois da instituição da República francesa, “ainda sob o impacto da guerra e do nazismo, referindo-se ao ideário das luzes, na Dialética do Esclarecimento, escrevem: “No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e investi-los na posição de senhores. Mas a terra, totalmente esclarecida, resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal”²⁴. Em outras palavras, como dizem Adorno e Horkheimer, “a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie”. A promessa do Iluminismo não se cumpriu,

e, mais do que isto, a própria razão, de cuja força se esperava a transformação do mundo, tornou-se ela mesma instrumentalizada, ferramenta de opressão. Assim, considerando a obra de Rousseau, podemos dizer que nela estão inegavelmente associadas a crítica da modernidade e uma teoria da história. Do primeiro ponto de vista, o da crítica da sociedade de seu tempo, sua radicalidade não deixa nada a dever aos nossos contemporâneos [a tradição crítica] que denunciam a barbárie dos tempos modernos.²⁵

Notas

* Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP. Professor do Departamento de Filosofia e do Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade PGcult da Universidade Federal do Maranhão –UFMA. E-mail: lucianos-facanha@hotmail.com.

1 HORÁCIO. (2005), Arte poética. In: A poética clássica: Aristóteles, Horácio, Longino. Trad. Jaime Bruna. 12. ed. São Paulo: Editora Cultrix, p. 53-68.

2 FORTES, Luiz R. Salinas. (1974), Rousseau: entre o bem-dizer e o bem-fazer. São Paulo: Discurso Editorial, 5, p. 5.

3 _____. (1993), O Iluminismo e os reis filósofos. São Paulo: Brasiliense, p. 72.

4 Rousseau colabora na Enciclopédia em 1755, com o artigo Economia Política (futuro Discurso sobre a Economia Política), vol. V; também com artigos sobre a música, ficando muito ligado a Diderot.

5 FORTES, Luiz R. Salinas. (1993), O Iluminismo e os reis filósofos. São Paulo: Brasiliense, p. 72.

6 DERATHÉ, Robert. (1948), Le rationalisme de Rousseau. Paris: PUF, p. 167-80.

7 Ibid., p. 169-76.

8 Paulo Rouanet destaca que uma das bandeiras mais altas do movimento iluminista foi a da razão, nesse sentido, observa alguns filósofos, como Nietzsche, que inscreveu tanto Petrarca como Erasmo na linhagem dos iluministas; também Adorno e Horkheimer que veem a Aufklärung como uma corrente que começou desde o início da história do homem, com Ulisses, quando a astúcia humana pela primeira vez se voltou contra o mito, e continua com o positivismo, que consagra o retorno do mito;

além do historiador Peter Gay que considera o enciclopedismo do século XVIII apenas como uma segunda fase de um processo iniciado na Antiguidade clássica. Dessa forma, o autor propõe o uso de Iluminismo para designar uma tendência intelectual, de ideias que combatem o mito e o poder, utilizando argumentos racionais. Embora a definição possa parecer grosseira, mas o autor explica que “o movimento intelectual que floresceu no século XVIII, com uma enorme crença no progresso e otimismo racional, pode ser denominado a Ilustração, [sendo] uma importantíssima realização histórica do Iluminismo – talvez a mais importante, mas não a primeira, e certamente não a última. Antes da Ilustração, houve autores iluministas, como Luciano, Lucrécio e Erasmo; depois dela, autores igualmente iluministas, como Marx, Freud e Adorno”. (ROUANET, Sérgio Paulo. (1987), *As razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 26-8; 300-3.)

9 ROUSSEAU, Jean-Jacques. (1978), Prefácio de Narciso ou o amante de si mesmo. In: _____. *Os Pensadores*. Trad. Lourdes Santos Machado. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, p. 421-2.

10 Ibid., p. 418.

11 Id.

12 ROUSSEAU, Jean-Jacques. (1978), Discurso sobre as ciências e as artes. In: _____. *Os Pensadores*. Trad. Lourdes Santos Machado. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, p. 349.

13 ROUSSEAU, Jean-Jacques. (1994), Júlia ou a nova Heloísa. Trad. Fúlvia M. L. Moretto. Campinas: Hucitec, p. 23-41.

14 FORTES, Luiz R. Salinas. (2004), *O Iluminismo e os reis filósofos*. São Paulo: Brasiliense, p. 70.

15 ROUSSEAU, Jean-Jacques. (1978), Discurso sobre as ciências e as artes. In: _____. *Os Pensadores*. Trad. Lourdes Santos Machado. 2. ed., São Paulo: Abril Cultural, p. 334-5.

16 Ibid., p. 336.

17 STAROBINSKI, Jean. (1994) *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo; seguido de sete ensaios sobre Rousseau*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, p. 35.

18 Ibid., p. 333-4.

19 Ibid., p. 349.

20 ROUSSEAU, Jean-Jacques. (1978), Discurso sobre as ciências e as artes. In: _____. *Os Pensadores*. Trad. Lourdes Santos Machado. 2. ed., São Paulo: Abril Cultural, p. 331.

21 Ibid., p. 347.

22 Ibid., p. 336.

23 Ibid., p. 348.

24 ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Mark. (1985), *Dialética do esclareci-*

mento. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 19.
25 SOUZA, Maria das Graças de. (2001), História e declínio em Rousseau. In: _____.
Ilustração e história: o pensamento sobre a história no Iluminismo francês. São Paulo:
Discurso Editorial, p. 91.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Mark. Dialética do esclarecimento. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- DERATHÉ, Robert. Le rationalisme de Rousseau. Paris: PUF, 1948.
- FORTES, Luiz R. Salinas. Rousseau: entre o bem-dizer e o bem-fazer. São Paulo: Discurso Editorial, 5, 1974.
- _____. O Iluminismo e os reis filósofos. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- HORÁCIO. Arte poética. In: A poética clássica: Aristóteles, Horácio, Longino. Trad. Jaime Bruna. 12. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2005.
- ROUANET, Sérgio Paulo. As razões do Iluminismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre as ciências e as artes. In: _____. Os Pensadores. Trad. Lourdes Santos Machado. 2. ed., São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- _____. Prefácio de Narciso ou o amante de si mesmo. In: _____. Os Pensadores. Trad. Lourdes Santos Machado. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- _____. Júlia ou a nova Heloísa. Trad. Fúlvia M. L. Moretto. Campinas: Hucitec, 1994.
- SOUZA, Maria das Graças de. História e declínio em Rousseau. In: _____. Ilustração e história: o pensamento sobre a história no Iluminismo francês. São Paulo: Discurso Editorial, 2001.
- STAROBINSKI, Jean. Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo; seguido de sete ensaios sobre Rousseau. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.